

O HOMEM DAS MULTIDÕES¹

Ce grand malheur, de ne pouvoir être seul!
LA BRUYÈRE.

JÁ SE DISSSE, judiciosamente, de certo livro alemão que *er lässt sich nicht lesen* — não se deixa ler. Há alguns segredos que não consentem em ser ditos. Homens morrem, à noite, em suas camas, torcendo as mãos de confessores espectrais e fitando-lhes lastimosamente os olhos; morrem com desespero no coração e convulsões na garganta por causa da heidondez de mistérios que *não toleram* ser revelados. De vez em quando, ahi, a consciência do homem suporta uma carga tão pesada de horror que só pode ser descarregada na sepultura. E dessa forma a essência de todos os crimes fica irrevelada.

Não faz muito tempo, quase ao findar duma noite de outono, estava eu sentada diante da grande janela da sacada do Café D*** em Londres. Durante alguns meses estivera mal de saúde, mas me achava agora convalescente e, voltando-me as forças, encontrava-me em uma daquelas felizes disposições que são tão precisamente o contrário do *tédio*; disposições da mais viva aptidão, quando a membrana da visão mental se parte — *o achlus os prin epaer* (grego) — e o intellecto eletrizado ultrapassa tão prodigiosamente sua condição cotidiana como a vivida embora cândida razão de Leibnitz a retórica louca e frívola de Górgias. O simples respirar era um prazer e extrahia positiva satisfação, até mesmo de miúdas e leitimas fontes de pesar. Sentia um calmo porém indaçoador interesse por todas as coisas. Com um cigarro na boca e um jornal no colo, estivera a distrair-me na maior parte da tarde, ora esquadrihando os anúncios, ora observando a promiscua companhia que havia no salão, e ora espreitando a rua pelas enfumaçadas vidraças.

— Esta rua é uma das principais vias públicas da cidade, e estivera bastante cheia de gente durante o dia inteiro. Mas, ao escurecer a multidão, de momento a momento, aumentava, e, ao tempo em que as luzes foram acesas, duas densas e continuas marés de povo passavam apressadas diante da porta. Nunca me encontrara antes em semelhante situação naquele momento particular da noite, e em aquele tumultuoso mar de cabeças humanas enchia-me, por conseguinte, duma emoção deliciosamente nova. Deixei por fim de prestar atenção às coisas do hotel e absorvi-me na contemplação da cena lá de fora.

A principio minhas observações tomaram um jeito abstrato e generalizador. Olhava os passantes em massa e neles pensava em função de suas relações gregárias. Em breve, porém, desci a particularidade da primeira vez no *Burton's Gentlemen's Magazine*, dezembro de 1840. Título original: THE MAN OF THE CROWD.
² É uma grande desgraça não poder estar só. (N. T.)

menores e examinei com minudente interesse as inúmeras variedades de figura, roupa, ar, andar, rosto e expressão fisionômica.

Em alto grau, o maior número daqueles que passavam tinha um porte convencido de gente atarefada, e parecia estar pensando apressadas em abrir caminho pela multidão. Franziam as sobrancelhas e seus olhos rolavam com vivacidade. Quando encontrados por outros passantes, não davam sinal de impaciência, mas concertavam a roupa e se apressavam. Outros, classe ainda numerosa, mostravam-se inquietos em seus movimentos, tinham rostos avermelhados e falavam e gesticulavam consigo mesmos como se se sentissem em solidão por causa da enormidade da densa turba em seu redor. Quando detidas no caminho, tais pessoas cessavam imediatamente de murmurar, mas redobravam sua gesticulação e esperavam, com um sorriso vago e exagerado, a passagem dos que lhes serviam de obstáculo. Se recebiam um encontro, curvavam-se profundamente para os empurradores, e pareciam anquiitados de confusão. Nada havia de muito peculiar nessas duas grandes classes além do que observei. Suas roupas incluíam-se na categoria que exatamente se define como: decente. Eram sem dúvida nobres, mercadores, advogados, lojistas, agiotas; os eupátridas e o lugar-comum da sociedade; homens de lazer e homens ativamente empenhados em negócios sob sua exclusiva responsabilidade. Não me excitaram grandemente a atenção.

A tribo dos escreventes era inconfundível, e nela eu distinguia duas notáveis divisões. Havia os pequenos escreventes das casas baratas: jovens cavalheiros de roupas justas, sapatos brilhantes, cabelos bem brilhanteados e lábios insolentes. Pondo de lado certa atividade de maneiras que pode ser denominada "escrivanhismo", na falta de melhor palavra, o jeito desses indivíduos parecia-me ser um fac-símile exato do que havia sido a perfeição do *bon ton*, doze ou dezoito meses antes. Usavam os restos da classe alta — e isso, acredito, envolve a melhor definição de sua classe.

A divisão dos escreventes principais das firmas sólidas, ou dos "sujeitos de confiança", não era passível de confusão. Eles eram conhecidos pelos patelões e calças pretos ou marrons, feitos de modo a poderem sentar-se confortavelmente; tinham gravatas brancas e coletes, sapatos largos de aparência duradoura, e meias espessas ou polainas. Tinham, todos, a cabeça levemente calva, e a orelha direita, longamente acostuada a sustentar a caneta, contraía um bizarro costume de acabanar-se. Observei que eles sempre tiravam ou punham o chapéu com as duas mãos e usavam religio com curvas correntes de ouro de modelo grosso e antigo. Tinham a atenção da responsabilidade, se em verdade pode haver tão honrosa afecção.

Havia muitos indivíduos de aparência viva, que facilmente reconheci como pertencentes à raça dos elegantes batedores de carteira, de que todas as grandes cidades andam infestadas. Viçei tal destacada espécie social com grande atenção e achei difícil imaginar como podiam ser tomados por pessoas de trato pelas próprias

personas distintas. A enormidade dos punhos de suas camisas, com um aspecto de franqueza excessiva, devia traí-los imediatamente.

Os jogadores profissionais — que descobri em quantidade não pequena — eram ainda mais facilmente identificáveis. Usavam roupa de todas as espécies, desde a vestimenta berrante e audaciosa do casquilho, com colete de veludo, fantástica gravata, correntes folheadas a ouro e botões filigranados, até as vestes do clérigo escrupulosamente desodorado, de modo que nada houvesse capaz de despertar suspeitas. Eram todos, contudo, facilmente distinguidos em vista de certa coloração amorenada e oleosa, de um vaporoso escurecimento dos olhos, do palor e da compressão dos lábios. Dois outros traços havia, além disso, pelos quais eu podia sempre adivinhá-los: uma grave e medida tonalidade da voz na conversação e uma extensão, além do comum, do polegar, formando quase ângulo reto com os demais dedos. Muitas vezes, em companhia desses trapaceiros, observei uma espécie de homens algo diferentes, porém ainda passáros da mesma plumagem. Podem ser definidos como cavalheiros que vivem de sua habilidade. Parece que rapinam o público em dois batelhos: o dos casquilhos e o do gênero militar. Na primeira classe, as feições principais são longas melenas e sorrisos; na segunda, são casacos de alamparas e carraças.

Descendo a escala do que se chama a "gentilidade", encontrei temas de meditação mais negros e mais profundos. Vi revendedores judeus, com olhos de gavião, cintilando em fisionomias das quais todas as outras feições mostravam apenas uma expressão de abjeta humildade; atrevidos mendigos de rua, profissionais, fechando a cara para mendigos de melhor estampa, a quem somente o desespero havia impellido a implorar a caridade, nas trevas da noite; fracos e lívidos inválidos, sobre os quais a morte pusera uma mão firme, e que andavam de viés e cambaleavam por entre a multidão, fitando a todos, suplicantemente, bem no rosto, como se em busca duma esperança de consolação, alguma esperança perdida; mocinhas humildes, de volta dum trabalho longo e tardio, para um lar sem alegria, e encolhendo-se, mais chorosas do que indignadas, diante das olhadelas dos rufiões, de cujo contato direto nem mesmo conseguiam esquivar-se; prostitutas de todas as espécies e de todas as idades, com a incontestável beleza, na primavera de sua feminilidade, fazendo lembrar a estátua de Luciano, com a superfície de mármore de Paros e o interior cheio de inunúcies; a repugnante e esfarrapada leprosa, totalmente decada; a bruxa entrugada, cheia de jóias e sarapintada, num último apego à mocidade; a simples criança de formas inaturas, mas, graças a uma longa camaradagem, versada nas espantosas galanarias de seu comércio, ardentemente raivosa, ambição de alcançar posto igual ao das veteranas do vício; ébrios inumeráveis e indescritíveis, alguns emolambados e remendados, cambaleando, desarticulados, com rostos cheios de equimoses e olhos aquosos; uns tantos, com as roupas inteiras, porém sujas, com uma bazófia um tanto vacilante, grossos lábios sensuais e rostos rubicundos e cordiais; outros, vestidos com panos,

outrora de boa qualidade e que mesmo agora eram escrupulosamente escovados, homens que caminhavam com um passo mais firme e mais lesto do que o natural, mas cujas fisionomias estavam terrivelmente pálidas e cujos olhos se mostravam horrendamente vermelhos e ferozes, e que agarravam com dedos trêmulos, ao andarem a largos passos em meio à multidão, todos os objetos a seu alcance; além destes, vendedores de empadas, carregadores, carneiros, limpadores de chaminés, tocadores de realejo, exibidores de macacos, vendedores de modinhas, os que vendiam com os que cantavam, artífices esfarrapados e operários exaustos de toda a casta, e todos cheios de uma vivacidade desordenada e barulhenta, que atormentava os ouvidos e levava aos olhos uma sensação dolorosa.

À proporção que a noite se adensava, mais profundo se tornava para mim o interesse da cena, pois não somente o caráter geral da multidão materialmente se alicerçava (apagando-se suas feições mais nobres, com a gradativa retirada da parte mais ordeira do povo, e pondo-se em maior relevo os mais grosseiros, quando a hora mais avançada retirava todas as espécies de infância de seu antro), mas os raios dos lampiões a gás, fracos a princípio, na sua luta com o dia moribundo, tinham agora tomado ascendente, por fim, e lançavam sobre todas as coisas um claro espermódico e lustroso. Tudo era negro, mas esplêndido — como aquele ébano com que foi comparado o estilo de Tertuliano.

Os estranhos efeitos da luz obrigaram-me a um exame das faces individuais, e, embora a rapidez com que aquela profusão de luz fugia diante da janela me impedisse de vislumbra-los mais de um rosto, parecia-me que, no meu particular estado mental de então, podia freqüentemente ler, mesmo naquele breve intervalo de um olhar, a história de longos anos.

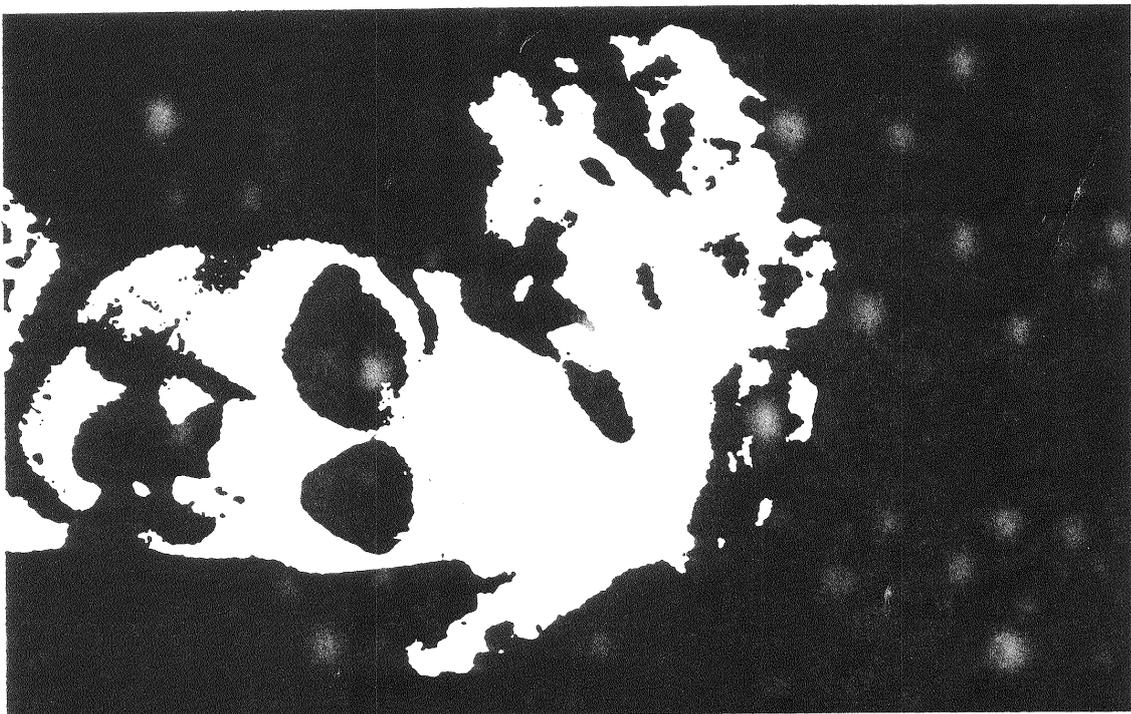
Com a fronte colada à vidraça, achava-me assim ocupado em perscrutar a multidão quando, de súbito, surgiu-me à vista uma fisionomia (de um velho decrepito, de uns sessenta e cinco ou setenta anos de idade), uma fisionomia que imediatamente de leve e absorveu toda a minha atenção, por causa da absoluta peculiaridade de sua expressão. Jamais eu vira qualquer coisa de semelhante a essa expressão, mesmo remotamente. Lembrou-me bem que minha primeira idéia, ao avistá-la, foi que Reitsch, se a houvesse contemplado, tê-la-ia preferido, especialmente, para suas encarnações pictóricas do diabo. Como tentasse, durante o breve minuto do primeiro relance de vista, formar uma análise qualquer de seu significado oculto, despertaram-se-me, confusa e paradoxalmente, no cérebro as idéias de vasto poder mental, de cautela, de sordiéiz, de avareza, de frieza, de malícia, de sede de sangue, de triunfo, de alegria, de excesso de terror, de intenso e supremo desespero. Senti-me singularmente despertado, empolgado, fascinado. "Que estranha história não estará escrita naquele peito!" — disse comigo mesmo. Veio-me então o desejo ardente de não perder o homem de vista e conhecer mais a respeito dele. Vestindo às pressas um

sobretudo e agarrando meu chapéu e minha bengala, encaminhei-me para a rua e fui abrindo caminho por entre a multidão, na direção que eu o vira tomar, pois ele já havia desaparecido. Com alguma dificuldade cheguei afinal a avisá-lo. Aproximei-me e segui-o bem de perto, embora com cautela, para não lhe atrair a atenção.

Tinha agora boa oportunidade de examinar-lhe a pessoa.³ Era de baixa estatura, muito magro e, ao que parecia, muito fraco. Suas roupas em geral estavam sujas e rotas; mas, ao passar ele, de vez em quando, sob o forte clarão de uma lâmpada, percebia que sua camisa, embora suja, era de um belo tecido; e, ou os olhos me enganaram, ou pude, através de um rasgão da *roquelaure*,³ bem abotoada e evidentemente de segundo mão, que o encolhia, entrever o brilho de um diamante e de um punhal. Estas observações avolumaram minha curiosidade e resolvi acompanhar o estranho para onde quer que ele fosse.

A noite caíra por completo e um nevoeiro espesso e úmido pairava sobre a cidade, acabando por desfazer-se em pesada e contínua chuva. Essa mudança de tempo teve um estranho efeito sobre a multidão, toda a qual, imediatamente, agitou-se de novo, ocultando-se sob enorme quantidade de guarda-chuvas. A ondulação, o acotovelamento, o burburinho aumentaram dez vezes mais. De minha parte, não me incomodei muito com a chuva, pois o resto de uma velha febre, no meu organismo, tornava a umidade algo bem perigosamente agradável. Amarrando um lenço em torno da boca, continuei. Durante meia hora, o velho manteve sua marcha com dificuldade ao longo da grande avenida, e aí eu caminhava bem nios seus calcabares com medo de perdê-lo de vista. Não voltando uma vez sequer a cabeça para olhar para trás, não me podia ele notar. Pouco depois enveredou por uma travessa que, embora cheia de densa multidão, não estava tão apinhada como a rua principal que ele tinha deixado. Aqui tornou-se evidente uma mudança no seu andar. Caminhava mais devagar e com menos decisão do que antes, de maneira mais hesitante. Atravessou e reatrevessou a rua, repetidamente, sem objetivo visível; e o aperto era ainda tão forte que a cada movimento destes era eu obrigado a acompanhá-lo de muito perto. A rua era estreita e comprida e o homem andou por ela quase uma hora, durante a qual os transeuntes tinham gradualmente diminuído, chegando quase ao número que se vê continuamente, à tarde, na Broadway, perto do parque (tão enorme é a diferença que há entre uma multidão em Londres e a da mais frequentada cidade americana). Uma segunda volta trouxe-nos a um

³ Embora tanto na edição inglesa como na americana figure aqui (sem dúvida, por errata "respetada") *roquelaure*, julgo que deve empregar-se *roquelaure* com mais propriedade, dado tratar-se do nome com que se designa uma espécie de capote ajustado ao pescoço, usado em outro tempo. Provém esta denominação do título do Duque de Roquelaure, general francês (1614-1683), que adquiriu tanta fama pelas suas façanhas militares como pela sua morchacidade e fealdade. (N. T.)



largo brilhantemente iluminado e transbordante de vida. A antiga atitude do desconhecido reparaceu. O queixo caiu-lhe sobre o peito, enquanto os olhos rolavam, alucinados, sob as sobranceiras contraídas, em todas as direções e sobre todos os que o cercavam. Apressava o passo com firmeza e perseverança. Fiquei surpreso, porém, por descobrir, depois que deu a volta do largo, que ele voltava a refazer o mesmo caminho. Fiquei ainda mais atônito por vê-lo repetir o mesmo passeio muitas vezes, tendo-me uma vez quase descoberto, ao se voltar num súbito movimento.

Nesse exercício gastou ele outra hora, ao fim da qual achamo-nos, com bem menos interrupção de transeuntes que a princípio. A chuva caía copiosa; o ar esfriava, e o povo se retirava para suas casas. Com um gesto de impaciência, o vagabundo passou para uma via, relativamente deserta. Precipitou-se, descendo por ela, que tinha um comprimento de cerca de um quarto de milha, com uma agilidade que eu jamais teria imaginado ver em homem tão idoso e que me trouxe dificuldade para acompanhá-lo. Em poucos minutos dessembocamos num vasto e rumoroso mercado, cujos compartimentos o desconhecido mostrava conhecer muito bem e onde sua primitiva atitude de novo se evidenciou, ao abrir caminho de um lado para outro, sem alvo, entre a multidão de compradores e vendedores.

Durante a hora e meia, mais ou menos, que passamos naquele lugar, foi necessária muita cautela de minha parte para mantê-lo ao alcance sem atrair-lhe a atenção. Felizmente, usava eu um par de galochas e podia andar em perfeito silêncio. Em momento algum percebeu ele que eu o observava. Entrou em loja após loja, sem nada apreçar, não dizendo uma palavra, olhando para todos os objetos com um olhar vazio e estranho. Achava-me então extremamente atônito diante de sua conduta e tomei a firme decisão de não nos separarmos sem que satisfizesse, de certo modo, minha curiosidade a seu respeito.

Um relógio de timbre elevado deu as onze horas e o povo apressou-se em abandonar o mercado. Um lojista, ao fechar um postigo, acotovelou o velho; no mesmo instante vi que um violento calafrio lhe percorria todo o corpo. Precipitou-se na rua. Olhou ansioso em torno de si, por um instante, e depois correu, com incrível ligeireza, por entre muitas vielas tortuosas e despovoadas, até dessembocarmos, uma vez mais, na grande artéria de onde havíamos partido, a rua do Hotel D***. Esta, porém, não tinha mais o mesmo aspecto. Estava ainda toda iluminada; mas a chuva caía com violência e apenas raras pessoas eram vistas. O desconhecido empalideceu. Deu soturnamente alguns passos pela ainda há pouco populosa avenida e depois, com pesado suspiro, enveredou na direção do rio, mergulhando num labirinto de atalhos, para sair, afinal, em frente de um dos principais teatros. Iam fechá-lo e o público se escoava pelas portas. Vi o velho resfolegar, enquanto se lançava em meio à multidão, mas pensei que a intensa angústia de sua

fisionomia se tivesse de certo modo abrandado. A cabeça caíra-lhe de novo sobre o peito. Mostrava-se como eu o vira a princípio. Observei que ele agora seguia o caminho pelo qual enveredava a maior parte do público, mas, sobretudo, eu não achava jeito de compreender o capricho de seus atos.

Enquanto caminhava, os grupos se tornavam mais esparsos e sua primitiva inquietação e hesitação reparaceu. Durante algum tempo, acompanhado ele de perto um grupo de dez ou doze sujeitos bulbentos; mas, um a um, o grupo se desfez, ficando juntas apenas umas três pessoas, numa ruela estreita e sombria, pouco frequentada. O desconhecido parou e, por um instante, pareceu perdido em meditação. Depois, com todos os sinais de agitação, seguiu com rapidez uma estrada que nos levou aos confins da cidade, entre lugares bem diversos daqueles que até então tínhamos atravessado. Era o mais asqueroso quarteirão de Londres, onde todas as coisas apresentavam as piores marcas da mais deplorável miséria e do mais desenfreado crime. A luz nublada de um lampião perdido, cortiços de madeira, comidos de cupim, altos, antigos, viam-se prestes a ruir, em tantas e tão caprichosas direções que dificilmente se distinguia uma aparência de passagem entre eles. As pedras do calçamento estavam espalhadas, arrancadas de seus leitos pelo capim luxuriante. Horrível sujeira ulcerava as sarjetas entupidas. A atmosfera inteira transbordava de desolação. Contudo, enquanto avançávamos, os rumores da vida humana se foram gradativamente reavivando e, por fim, grandes bandos da gentilha mais miserável de Londres eram vistos aos ziguezagues, para lá e para cá. A energia do velho de novo bruxulleou, como uma lâmpada prestes a extinguir-se. Mais uma vez caminhou a passos largos e elásticos para a frente. De repente, dobrou uma esquina; um clarão forte irrompeu à nossa vista e ficamos diante de um dos mais imensos templos suburbanos da Intemperança, um dos palácios do demônio Alcool.

O dia estava agora prestes a romper, mas uma multidão de miseráveis ébrios ainda se apressava, entrando e saindo pela porta ostentosa. Quase com um grito de alegria o velho abriu passagem para dentro, retomou seu porte primitivo e, sem objetivo aparente, andava para lá e para cá, em meio à multidão. Não havia muito se ocupava ele nisto, porém, quando um grande movimento nas portas indicou que o proprietário ia fechá-las por aquela noite. Foi algo mesmo de muito mais intenso que o desespero o que então notei na fisionomia da singular criatura que vinha observando com tanta pertinácia. Ele, todavia, não hesitou em sua carreira, mas, com louca energia, voltou atrás, imediatamente, ao coração da poderosa Londres. Por muito tempo correu velozmente, enquanto eu o seguia, no mais extraordinário espanto, resolvido a não abandonar uma pesquisa em que achava agora um interesse completamente absorvente. O sol se ergueu enquanto seguíamos nosso caminho, e, quando, mais uma vez, alcançamos aquele tumultuosíssimo mercado da populosa cidade, na rua do Hotel D***, apresentava

ele um aspecto de animação e atividade humanas pouco inferior ao que eu vira na tarde anterior. E lá, ainda, em meio à confusão que aumentava a todo instante, continuei minha perseguição do desconhecido. Mas, como sempre, ele andava para lá e para cá, e durante o dia não saiu do turbilhão daquela rua. E, como as sombras, da segunda noite caíssem, senti-me fatigado, de morte e, parando bem defronte do vagabundo, encarei-o fixamente. Ele não me deu atenção, mas continuou seu solene passeio, enquanto eu, cessando de acompanhá-lo, permanecia absorto em contemplação.

— Este velho — disse eu por fim — é o tipo e o gênio do crime profundo. Recusa estar só. É o homem das multidões. Seria vão segui-lo, pois nada mais saberei dele, nem de seus atos. O pior coração do mundo é um livro mais espesso do que o *Horrius Animæ*,⁴ e talvez seja apenas uma das grandes misericórdias de Deus o fato de que *er lässt sich nicht lesen*.

COLÓQUIO ENTRE MONOS E UNA¹

Estas coisas estão no futuro próximo.
SÓFOCLES: *Antígona*.

UNA. - Ressuscitado?

MONOS. - Sim, ó muito bela e muito amada Una, "ressuscitado". São estas as palavras em cujo místico sentido tanto meditei, rejeitando as explicações do clero, até que a própria Morte resolvesse para mim o segredo.

UNA. - Morte!

MONOS. - De que modo estranho, ó meiga Una, repetes minhas palavras! Noto também certa vacilação no teu andar e uma jovial inquietude nos teus olhos. Estás perturbada e oprimida pela majestosa novidade da Vida Eterna. Sim, era da Morte que eu falava. E como esta palavra ressoa singularmente aqui, esta palavra que outrora enchia habitualmente de terror todos os corações, lançando mofo em todos os prazeres!

UNA. - Ah, a Morte, o espectro que se sentava em todos os festins! Quantas vezes, Monos, nos perdemos em lucturações sobre sua natureza! Quão misteriosamente agia ela como um freio à felicidade, dizendo-lhe: "Até ali e não mais além!" Este ardente amor recíproco, meu caro Monos, que ardia em nossos peitos, como vamente nos lisonjeamos, sentindo-nos felizes logo que ele brotou, de que nossa felicidade se fortaleceria com sua força! Ai de mim!

⁴ O *Horrius Animæ cum Oratimculis Aliquibus Superadditis*, de *Grüninger*.

¹ Publicado pela primeira vez no *Graham's Lady's and Gentleman's Magazine*, agosto de 1841. Título original: THE COLLOQUY OF MONOS AND UNA.

Ele cresceu, e em nossos corações cresceu também o medo daquela hora fatal que corria precipitosa para nos separar para sempre! Assim, com o tempo, o amar tornou-se coisa dolorosa. Para nós teria sido então o ódio uma misericórdia.

MONOS. - Não fales aqui dessas tristezas, querida Una, minha, minha de agora para todo o sempre!

UNA. - Mas a memória do pesar passado não é a alegria do presente? Teria ainda muito que falar das coisas que se foram. Acima de tudo, ardo por saber os incidentes de tua viagem através do negro Vale e da Sombra.

MONOS. - Quando foi que a radiante Una pediu alguma coisa em vão ao seu Monos? Serei minucioso em narrar tudo... Mas, em que ponto deverá começar a narrativa sobrenatural?

UNA. - Em que ponto?

MONOS. - Sim, isso mesmo.

UNA. - Monos, eu te compreendo. A Morte revelou a nós ambos a tendência humana para definir o indefinível. Não direi, pois, que começa pelo momento da cessação da vida, mas começa por aquele triste, por aquele triste instante em que, tendo-te a febre abandonado, mergulhaste num torpor desalentado e inóto e eu premi tuas pálebras exangues com os dedos apaixonados de amor.

MONOS. - Uma palavra, primeiro, Una, a respeito da condição geral do homem nesta época. Há de lembrar-te que um ou dois sábios entre nossos antepassados — sábios de verdade, embora assim não os considerasse o mundo — haviam-se atrevido a duvidar da propriedade do termo *progresso* aplicado à marcha de nossa civilização. Houve períodos, em cada cinco ou seis séculos que precediam imediatamente nossa morte, em que se erguia alguma inteligência poderosa, bravamente lutando em prol daqueles princípios cuja verdade agora surge tão perfeitamente evidente à nossa razão sem lei, princípios que deveriam ter ensinado nossa raça a deixar-se guiar pelas leis naturais, em vez de querer impor-lhes um freio. A longos intervalos, certos espíritos superiores apareceram, considerando cada avanço da ciência prática como um retrocesso da verdadeira utilidade. Por vezes, o espírito poético — aquele espírito que agora sentimos ter sido o mais sublime de todos, uma vez que aquelas verdades que para nós eram da mais permanente importância só podiam ser alcançadas por aquela *analogia* que fala em tom peremptório apenas à imaginação e que não agrava a razão desamparada —, por vezes este espírito poético dá um passo adiante na evolução da vaga idéia do filosófico e encontra na mística parábola que fala da árvore da ciência e do seu fruto proibido e mortífero uma clara advertência de que a ciência não era conveniente para o homem cuja alma se encontrasse em estado infantil. E, esses homens, os poetas, vivendo e morrendo entre o escárnio dos "utilitaristas" — grosseiros pedantes que se arrogam um título que só se poderia propriamente aplicar aos encarnecidos —, esses homens, os poetas, meditaram frouxamente, embora não sem prudência, nos antigos tempos em que nossas necessidades eram tão